

ELAS ESTÃO PRONTAS PARA O SERVIÇO!

HOMENAGEM DA REVISTA VERDE-OLIVA

O Exército Brasileiro sempre relembra a participação e dignifica a coragem e o sacrifício dos Pracinhas brasileiros, que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

Nesta edição, é com orgulho que a Revista Verde-Oliva enaltece as 72 enfermeiras que atuaram nesse grande confronto, prestando uma singela homenagem às duas guerreiras ainda vivas, merecedoras de todo o respeito e gratidão do povo brasileiro.



VIRGÍNIA MARIA DE NIEMEYER PORTOCARRERO



Movida pelo sentimento de filha de militar, sempre à disposição da Pátria, e pela paixão de enfermeira em servir ao próximo, **Virginia Portocarrero** voluntariou-se para a Guerra.

Seguiu para a Itália com o primeiro escalão, por via aérea, embarcando com outras quatro enfermeiras. No teatro de operações, prestou serviços em hospitais que acompanhavam a tropa em avanço no terreno.

Sua principal atividade ocorreu em salas de operação e em enfermarias cirúrgicas, prestando assistência aos pacientes. Nas horas de folga, voltava à enfermaria para prestar solidariedade aos feridos. *“Eu conversava com eles e escrevia cartas para quem estivesse imobilizado. Eles ditavam e eu escrevia; depois, mandava para a família...”*

Foi licenciada do Exército logo após seu retorno ao Brasil com os últimos feridos evacuados. Trabalhou, então, no Instituto do Mate, como desenhista. Com humildade ímpar, analisa a sua participação na guerra: *“Eu me orgulho de ter sido enfermeira dos Pracinhas. O verdadeiro valor estava neles; eu estava lá dando apoio e tratando deles, mas sabia que eles tinham muito mais valor do que eu; eu apenas dava apoio a quem tinha o valor de guerrear”*.

CARLOTA MELO



Irmã de dois militares, **Carlota** foi voluntária para a guerra movida pelo desafio de deixar para trás a pacata vida do interior de Minas Gerais. Após atravessar o Atlântico de avião, foi lotada no Hospital Geral de Nápoles, onde cuidou de feridos e mutilados.

Para ela, o País só falhou em não esclarecer às crianças, na escola, sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. *“Ouve-se falar que o Brasil mandou soldados mal preparados para morrerem na guerra; que mandou analfabetos, desdentados e doentes. Mas não foi assim! Aqueles homens poderiam ter feito melhor, mas fizeram o que puderam. Se eles erraram, foi pensando em fazer o certo, o melhor”*, argumenta.

Finda a Guerra, **Carlota** tornou-se funcionária pública. Em 1957, retornou ao Exército, com base em um Decreto de 1957. Passou a trabalhar no Colégio Militar de Belo Horizonte, até se aposentar. *“Sou uma pessoa que foi feliz a vida toda. Eu não fiquei sentada, esperando as coisas acontecerem. Eu sempre tive coragem para seguir o caminho que pudesse me levar a ser a **Tenente Carlota**...Foi com muita ousadia e com muita coragem que superei os obstáculos que apareciam pelo caminho. Eu os enfrentei!”*

